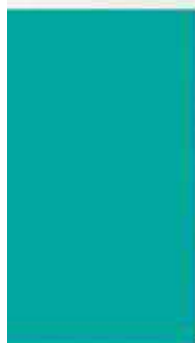


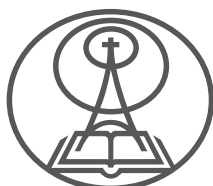
ELMER L. TOWNS

EDITADO POR
MAL COUCH & ED HINDSON

JOÃO



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

ELMER L. TOWNS

JOÃO

TRADUÇÃO
REBECA INKE LIMA

1ª EDIÇÃO
2022



chamada

The Gospel of John: Believe and Live
Copyright © 2002 by Scofield Ministries
Published by AMG Publishers
Written by Elmer L. Towns

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2020 por Chamada

1ª Edição – Março/2022

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Rebeca Inke Lima*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Isabela Bortoliero*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc.

Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NAA foram extraídas da Nova Almeida Atualizada (NAA), copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NTLH foram extraídas da Nova Tradução na Linguagem de Hoje®, copyright © 2000 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

T747 Towns, Elmer L.

João / Elmer L. Towns ; tradução Rebeca Inke Lima. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2022.

408 p. ; 21 cm.

“Tradução de: *The gospel of John: believe and live*”.

ISBN 978-65-89505-17-4

1. Bíblia. N.T. João - Comentários. 2. Bíblia – Estudos.

3. Vida cristã. I. Lima, Rebeca Inke. II. Título.

CDD 226.5077

*Em memória de meu filho,
que agora está na glória.*

*Dr. Stephen R. "Sam" Towns
Professor de teologia, Liberty University
8 de maio de 1956 – 26 de janeiro de 2002*

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Prefácio | 9 |
| Introdução..... | 13 |
| 1. Cristo, a Palavra de Deus (1.1-18)..... | 33 |
| 2. Cristo, a vontade de Deus (1.19-51)..... | 45 |
| 3. Cristo, o Criador (2.1-25)..... | 57 |
| 4. Cristo, o Salvador (3.1-36)..... | 73 |
| 5. Cristo, a água da vida (4.1-54)..... | 91 |
| 6. Cristo, a divindade (5.1-47)..... | 105 |
| 7. Cristo, o pão da vida (6.1-71)..... | 123 |
| 8. Cristo, o celestial (7.1-53)..... | 143 |
| 9. Cristo, a luz do mundo em trevas morais (8.1-59)..... | 157 |
| 10. Cristo, a luz do mundo em trevas físicas (9.1-41)..... | 179 |
| 11. Cristo, o bom pastor (10.1-42)..... | 193 |
| 12. Cristo, a ressurreição (11.1-57)..... | 205 |
| 13. Cristo, o centro das atenções (12.1-50)..... | 225 |
| 14. Cristo, o servo (13.1-38)..... | 243 |
| 15. Cristo, aquele que vem (14.1-31)..... | 259 |
| 16. Cristo, a videira (15.1-16.4)..... | 275 |
| 17. Cristo, o mais importante (16.5-33)..... | 289 |
| 18. Cristo, o intercessor (17.1-26)..... | 303 |
| 19. Cristo, o fiel (18.1-40)..... | 319 |
| 20. Cristo, o Cordeiro de Deus (19.1-42)..... | 335 |
| 21. Cristo, o vitorioso (20.1-31)..... | 351 |
| 22. Cristo, o grande pastor (21.1-25)..... | 369 |
| Bibliografia | 391 |
| Índice de textos bíblicos | 393 |

PREFÁCIO

O Novo Testamento tem guiado a igreja cristã há mais de dois mil anos. Esse registro é composto por vinte e sete livros escritos por homens piedosos através da inspiração do Espírito Santo. Ele nos conta da vida de Jesus Cristo, sua morte expiatória por nossos pecados, sua milagrosa ressurreição, sua ascensão de volta aos céus e a promessa da sua segunda vinda. Ele também nos conta a história do nascimento e crescimento da igreja, e das pessoas e princípios que a moldaram em seus primeiros dias. O Novo Testamento termina com o livro de Apocalipse apontando adiante para a gloriosa volta de Jesus Cristo.

Sem o Novo Testamento, a mensagem da Bíblia estaria incompleta. O Antigo Testamento enfatiza a promessa de um Messias vindouro, e constantemente aponta para o futuro, para aquele que viria para ser o Rei de Israel e o Salvador do mundo. No entanto, termina sem que esse evento tenha acontecido. Todas as suas cerimônias, imagens, tipos e profecias estão aguardando a chegada do “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29).

A mensagem do Novo Testamento representa a verdade eterna de Deus. Conforme cada geração busca aplicar esse conceito em seu contexto específico, torna-se necessário que um comentário atualizado seja criado exclusivamente para elas. Esse é objetivo deste comentário do evangelho de João, originariamente publicado na *Twenty-First Century Biblical Commentary Series* [Série de comentários bíblicos do século XXI]. Os editores da série e o autor do presente

comentário são conservadores, evangélicos e dispensacionistas, e estão convencidos de que o Antigo e o Novo Testamentos apresentam uma estrutura dispensacionalista da história bíblica. Eles, também, têm uma visão pré-tribulacionista e pré-milenarista da profecia bíblica.

René Pache, estudioso francês, lembrou a cada geração subsequente de que, “para que o poder do Espírito Santo se manifeste novamente entre nós, é de suma importância que sua mensagem retome seu lugar devido. Então seremos capazes de fazer o inimigo fugir com a espada do Espírito que é a Palavra de Deus”.

O evangelho de João, há muito tempo, foi reconhecido como o escrito evangelístico mais importante do Novo Testamento. É uma leitura obrigatória para todos os que buscam Jesus Cristo de coração, bem como para os que são novos em sua fé nele. Merrill Tenney comentou que o evangelho de João “foi escrito como uma propaganda evangelística direta, e seu propósito declarado era despertar a fé”. Ele apresenta Jesus como o Filho de Deus, digno de nossa maior fé e de nossa mais profunda devoção.

Em seu próprio comentário sobre o evangelho de João, William Hendriksen afirma: “O evangelho segundo João é o livro mais incrível que já foi escrito”. Leon Morris acrescenta: “Gosto da comparação do evangelho de João com uma piscina onde uma criança consegue caminhar e um elefante pode nadar. Ele é tanto simples quanto profundo”. O que o torna único é a profundidade dessa simplicidade. Ele é escrito de uma maneira que nos permite ver e ouvir

Jesus Cristo conforme ele fala não somente às pessoas de sua época, mas aos da nossa época também.

Ao comparar João com os outros evangelhos, João Calvino disse: “Já que todos eles tinham o mesmo objetivo – mostrar a pessoa de Cristo –, os primeiros três mostram seu corpo, se posso dizê-lo dessa forma, mas João mostra sua alma. Por isso estou acostumado a dizer que esse evangelho é a chave para abrir a porta à compreensão dos outros”. Conforme você ler e estudar o quarto evangelho, seu coração será cativado pela maravilha e a majestade de Jesus Cristo – que é, ele mesmo, tanto simples quanto sublime.

Mal Couch e Ed Hindson

INTRODUÇÃO

Creia em Cristo e tenha a vida eterna

O evangelho de João parece ser o livro mais simples de se entender da Bíblia. É por isso que a maioria dos novos cristãos ouve que deve começar a estudar a Palavra lendo este escrito. Ao mesmo tempo, porém, é o livro mais profundo das Escrituras. Estudiosos gastaram muitos anos investigando seus termos e suas implicações. O apóstolo João, o autor, pinta uma imagem abrangente do Senhor Jesus Cristo – majestoso em sua humanidade e simples em sua divindade. Assim, esse evangelho comunica o que talvez sejam as verdades mais profundas sobre Jesus que podem ser encontradas na Palavra. João não apenas relembra os eventos da vida de Cristo como uma testemunha ocular, mas também interpreta o significado por trás dos milagres. Quando Jesus se revela como Deus, os judeus o confrontam violentamente, levando, por fim, à sua crucificação. O evangelho de João fala sobre o impacto que essa controvérsia teve sobre os discípulos e, de maneira mais ampla, as implicações para as pessoas atualmente. O propósito maior de João é que seus leitores creiam na vida e na morte do Filho de Deus e recebam a salvação eterna.

A ênfase singular de João

A mensagem do livro de João é enfatizada pelo uso de duas palavras-chave: “crer”, usada 98 vezes, e “vida”, usada 36 vezes.

João escreveu com um propósito duplo – como se vê em 20.31 – de comunicar Cristo através de seus milagres e ensinamentos para que as pessoas pudessem, em primeiro lugar, crer que Jesus era de fato quem ele afirmava ser, o Filho de Deus; e, em segundo lugar, ter vida eterna por causa de sua fé.

A frase “para que vocês creiam” (grego, *hina pisteuēte*) é uma oração que indica propósito, combinando a preposição *hina* com um presente do subjuntivo ativo. O objetivo de João não era que o leitor meramente chegasse a uma crise de fé e soubesse certos fatos como resultado de sua leitura desse evangelho, mas que continuasse a crer. Aquilo em que se espera que o leitor acredite é talvez uma das afirmações mais identificáveis da cristologia – “que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus”.

A segunda parte do propósito duplo de João é, na verdade, uma consequência da primeira. O leitor que seguir “crendo” continuará “ten[do] vida em seu nome”. Mais uma vez, João usa um presente do subjuntivo ativo (grego, *echēte*), enfatizando que o cristianismo é uma aventura contínua na fé. Para João, a vida é mais que a mera existência, mas sim, uma experiência de abundante alegria, paz e vitória sobre o pecado.

As oito palavras-chave

João, sob a inspiração do Espírito Santo, usa termos especiais para transmitir sua mensagem. Essas palavras-chave nos trazem maior compreensão da contribuição singular desse quarto evangelho.

CRER

VIDA

SINAL

EU SOU

VERDADE

CONHECER

TESTEMUNHO

PAI

Crer

A palavra “crer” (grego, *pisteuō*) é a mais significativa no evangelho. Muitas vezes aparece acompanhada da preposição *eis* (“em, para dentro de”), e sempre tem um objeto. *Crença* está sempre na voz ativa e em direção a seu objeto, o Senhor Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, João evita completamente o uso do substantivo *pistis* (“fé”). É possível que ele tivera certa resistência em utilizar esse termo por considerá-lo estático demais. Neste evangelho, crer é a resposta absoluta da pessoa como um todo a Deus, conforme ele se revelou através de seu filho, Jesus Cristo.

Alguns argumentam que o conceito de salvação de João deixa de fora a doutrina do arrependimento. Embora a pa-

lavra “arrependimento” esteja ausente do evangelho, a essência certamente está subentendida como parte do crer, porque o autor inclui obediência em crer; isto é, ele representa crer como beber (4.14), comer (6.35,51) ou seguir (8.12). Desse modo, quando alguém crê em Cristo, está em um processo de arrependimento.

Vida

A segunda palavra significativa em João é “vida”. Os gregos tinham três palavras para vida, cada uma com um tom diferente de significado e ênfase. Primeiro, há o termo *psuchē*, referindo-se ao “eu” que estava vivo. Ele era muito próximo do conceito hebraico de *kardia* (“coração”) e é traduzido ocasionalmente como “coração” (Ef 6.6) e como “espírito” (Fp 1.27). João usa *psuchē* como a vida entregue pelo bom pastor (10.11). Segundo, a palavra *zōē*, que no grego clássico normalmente se referia à essência ou princípio da própria vida – a existência da vida como o oposto da morte. O terceiro termo, *bios*, era usado por autores gregos para descrever a forma de viver de alguém, quase que exclusivamente em referência à vida humana (como em *biografia*). Nesse evangelho, João usa a palavra *zōē* como vida espiritual, e ela está muitas vezes acompanhada do adjetivo *aiōnios* (“eterna”). Visto que *aiōnios* é também um atributo do Senhor, já se sugeriu que a vida eterna é nada menos que a vida de Deus. João compara a vida eterna com o conhecimento de Deus na oração sacerdotal de Cristo (17.3).

OS OITO SINAIS DO PODER DE JESUS

| | |
|---------------------------------------|---------------------------------|
| Transformar água em vinho (2.1-11) | Poder sobre a criação |
| Cura do filho de um oficial (4.46-54) | Poder sobre o espaço |
| Cura do parálítico (5.1-9) | Poder sobre o tempo |
| Alimentação dos cinco mil (6.1-14) | Poder sobre a comida |
| Jesus anda sobre as águas (6.15-21) | Poder sobre as leis da natureza |
| Cura de um cego (9.1-12) | Poder sobre as leis físicas |
| Ressurreição de Lázaro (11.1-44) | Poder sobre a morte |
| Pesca milagrosa (21.1-11) | Poder sobre todos os anteriores |

Sinal

Há cinco palavras plurais em grego no Novo Testamento para descrever milagres: *terata* (“maravilhas”), *erga* (“obras”), *thaumasia* (“coisas maravilhosas”), *dunameis* (“poderes”) e *sêmeia* (“sinais”). Embora os evangelhos sinóticos prefiram o termo *dunameis* (para enfatizar o poder de Jesus), João emprega a palavra *sêmeion* 17 vezes para destacar a importância espiritual de oito milagres no evangelho. Esses sinais foram um dos modos através dos quais Jesus “revelou assim a sua glória” (2.11). Essa palavra é usada na Septuaginta para transmitir a ideia de um símbolo celestial (Gn 1.14), uma marca de proteção (Gn 4.15), uma aliança (Gn 17.11), um milagre ou maravilha (Êx 7.3,9), um memorial (Êx 13.9), um exemplo do poder divino (Is 7.11) e um sinal (Jr 6.1). Dos oito milagres de Jesus registrados

em João (veja o quadro na pág. anterior), os primeiros sete estão no livro dos sinais (1.19–12.50). Além disso, logo após algumas maravilhas, João registra um longo diálogo com Cristo, dando-nos dicas quanto ao significado celestial por trás daquele sinal.

Eu sou

João é o único evangelho que traz as afirmações de Jesus de “eu sou” (veja o quadro “Os oito ‘Eu sou’ de Cristo” na pág. 20). Sete vezes João registra os dizeres “eu sou...” e os conecta a uma metáfora. Essas sete declarações trazem um *insight* especial de quem Cristo afirmava ser. Jesus estava fazendo mais do que simplesmente usando uma metáfora – dizendo que ele era como o pão, a luz, ou um bom pastor; ele estava se identificando com o Javé do Antigo Testamento. A expressão enfática “eu sou” tinha uma conotação especial para os judeus. No Antigo Testamento, o termo “Senhor” deriva do verbo “ser”. Quando Javé revela seu nome a Moisés como “Eu Sou” (Êx 3.13-14), ele estava dizendo: “Eu Sou o que Sou”. Javé é aquele que existe por si mesmo. Os judeus da época de Cristo sabiam que, ao proclamar “eu sou”, ele estava dizendo: “Eu sou o Javé do Antigo Testamento”. Não surpreende que tenham ficado irados e que, em mais de uma ocasião, tenham até mesmo pego pedras para matá-lo (Jo 5.17-18; 8.58-59). Essas alegações individuais de Jesus serão mais amplamente discutidas em capítulos subsequentes.

Uma oitava declaração que Cristo faz é uma afirmação ainda maior sobre si. Jesus simplesmente diz “eu sou” (grego, *egō eimi*). Embora ela seja contada como uma oitava alegação, ela ocorre várias vezes (4.26; 8.24,28,58; 13.13,19; 18.5-6,8). Essa é uma confirmação de identificação com a divindade do Antigo Testamento. Cristo está subentendendo: “Eu sou... o Eu Sou”, aquele que existe por si mesmo. Ele está declarando ser Deus.

Verdade

Uma quinta palavra marcante na mensagem desse evangelho é “verdade”. João fala sobre isso 25 vezes no evangelho, e usa as duas palavras para “verdadeiro” um total de 23 vezes (*alēthēs*, 14 vezes; *alēthinos*, nove vezes). Quando essa palavra aparece nos outros evangelhos, sempre traz consigo o sentido de veracidade ou confiabilidade, aquilo que é consistente com e corresponde à realidade. A palavra “verdadeiro” nos outros evangelhos é objetiva, e não carrega em si qualquer qualidade moral inata; é apenas um fato. João, no entanto, usa o termo de uma forma teológica ou moral para mostrar que Jesus é o doador, a fonte e a personificação da verdade (1.14,17; 14.6). A verdade, portanto, é a mais alta revelação de Deus, pois é ele próprio. Quando Jesus é a verdade, ele revela perfeitamente o Pai que estava oculto. Cristo fala a verdade (8.40,45-46; 16.7) que pode dar às pessoas liberdade moral (8.32-36) e santificá-las (17.17,19). Esse conceito também está intimamente ligado à ênfase do autor no “crer”. Crer no Salvador é chegar até

a verdade (8.32; 16.13). Além disso, somente João registra os 25 duplos améns (“amém, amém”) de Cristo, uma expressão que, além dali, só ocorre em Números 5.22 e em Neemias 8.6. A Nova Almeida Atualizada traduz essa fala como “em verdade, em verdade” (veja, p. ex., Jo 3.3,5,11). De acordo com Godet, essa expressão implica uma dúvida a ser derrubada na mente do ouvinte.

OS OITO “EU SOU” DE CRISTO

1. Eu sou o pão da vida (6.35);
2. Eu sou a luz do mundo (8.12; 9.5);
3. Eu sou a porta (10.9);
4. Eu sou o bom pastor (10.11);
5. Eu sou a ressurreição e a vida (11.25);
6. Eu sou o caminho, a verdade e a vida (14.6);
7. Eu sou a videira (15.5);
8. Eu sou (4.26; 8.24,28,58; 13.13,19; 18.5-6,8).

Conhecer

A sexta palavra marcante de João é “conhecer”. Embora João use dois termos para conhecer (*ginōskō*, 57 vezes; *oida*, 84 vezes), ele evita completamente o substantivo, que significa “conhecimento”. É possível que ele esteja reagindo aos gnósticos e ao seu uso equivocado do termo. Talvez João esteja nos lembrando de que o entendimento bíblico não é uma declaração doutrinária a ser aprendida, mas a

experiência de uma nova vida através da fé em Jesus Cristo. Conhecimento não é meramente cognitivo, mas tem também uma conotação moral. Nos escritos de João, esse conceito está intimamente ligado a ter fé. Crer e conhecer estão interconectados: quando as pessoas creem, elas sabem que têm a vida eterna (veja 1Jo 5.13). De acordo com o autor, conhecer e entender um fato e então agir em cima disso resulta em fé.

As duas palavras para conhecer implicam dois tipos diferentes de conhecimento. *Ginōskō* significa “adquirir conhecimento” ou “aprender por experiência”, enquanto *oída* significa “possuir conhecimento inato sobre algo”, mas não aprendê-lo. João usa esta para enfatizar a onisciência de Cristo, e aquela para expressar como os cristãos podem saber que são salvos.

Testemunho

Outra das palavras características de João é “testemunho” (grego, *marturia*), que ocorre 47 vezes nesse evangelho, tanto como substantivo quanto como verbo (testemunhar). *Testemunho*, nesse evangelho, não é primariamente uma verificação de acontecimentos históricos, mas principalmente um atestado do caráter e da importância da pessoa de Jesus. A comprovação de fatos históricos é apenas uma parte do alvo maior de João. Ele identifica oito tipos de testemunhos do caráter de Cristo, conforme ilustrado nos “Oito testemunhos em João”, abaixo. Conforme a Lei

judaica: “... pelo depoimento de duas ou três testemunhas se estabelecerá o fato” (Dt 19.15, NAA).

OITO TESTEMUNHOS EM JOÃO

1. O testemunho do Pai (5.32,34,37; 8.18);
2. O testemunho do Filho (3.11; 8.14,18; 18.37);
3. O testemunho do Espírito Santo (15.26; 16.13-14);
4. O testemunho das Escrituras (1.45; 5.39-40,46);
5. O testemunho da obra de Jesus (5.17,36; 10.25; 14.11; 15.24);
6. O testemunho do batismo (1.7-8; 5.33-35);
7. O testemunho dos discípulos (inclusive João) (15.27; 19.35; 21.24);
8. O testemunho de vidas transformadas (4.39; 9.25,38; 12.17).

Como testemunha, João certamente foi observador. Ele registrou as emoções e motivações de Cristo (2.24; 4.1-3; 6.15; 11.33; 13.1,21; 18.4) e as reflexões dos discípulos (2.11,17,22; 12.16). Ele lembra até mesmo os horários de certos eventos (1.39; 4.6,52; 19.14) e as frases específicas de Filipe (6.7; 14.8), André (6.9), Tomé (11.16; 14.5) e Judas (14.22). O último dia que ele passou com Jesus antes da crucificação é particularmente memorável. Cerca de um terço do evangelho, 237 versículos dos 879, trata desse período de vinte e quatro horas.

Pai

A frase “o Pai” (grego, *ho patēr*), usada em referência a Deus, ocorre 80 vezes, e a expressão “meu Pai” ocorre 21 vezes. Essas frases aparecem mais do que qualquer outra palavra-chave porque a força motriz da mensagem de Jesus era revelar o Pai celestial. A palavra “Pai” foi usada poucas vezes em referência a Deus no Antigo Testamento, e mesmo nessas ocorrências ela nunca foi empregada como seu nome ou título. No Antigo Testamento, a palavra “Pai” era usada em referência ao Senhor de maneira metafórica – Deus era como um pai, ou ele tinha as características de um pai. Os judeus entenderam que Jesus lhes estava dizendo que Deus era um Pai e que ele era o Filho, que tinha um relacionamento especial com o Pai, e que ele era igual ao Pai. Como resultado, eles tentaram matá-lo (5.17-18).

Essa revelação ímpar do Pai é acentuada pela declaração de Cristo como: (1) o Filho único do Pai (1.14,18; 3.16,18; veja 1Jo 4.9), (2) o Filho de Deus (3.18), (3) Filho (3.17) e (4) o Filho do homem (3.14).

A singularidade do estilo de escrita de João

Um estilo culminante

O modo de escrita de João é diferente do de outros autores bíblicos no sentido de que ele tem um aspecto de culminância em sua obra – ele estava preocupado com as últimas coisas. João provavelmente foi a última pessoa a

escrever um livro do Novo Testamento. Ele também foi o autor do último evangelho, do último livro do Novo Testamento (Apocalipse) e do último livro a ser incluído no cânon (3João). Teologicamente, ele abordou a doutrina das últimas coisas (escatologia) e escreveu o que é considerada a palavra final ou definitiva a respeito de Cristo (1.14).

Dentro desse evangelho, o leitor é exposto a uma aventura de suspense que se constrói até seu ápice, a fim de revelar cuidadosamente a pessoa de Cristo. No primeiro capítulo, João apresenta Jesus como a Palavra eterna de Deus (1.1) e constrói sua defesa dessa afirmação. Usando os ensinamentos de Cristo e seus milagres para apoiar a declaração de que ele é, de fato, o Cristo, o Filho do Deus vivo, João tenta convencer os leitores a acreditar em sua divindade para que tenham vida eterna (20.31). O ponto alto do livro revela Tomé se prostrando diante de Cristo e confessando-o como “Senhor meu e Deus meu” (20.28). Essa declaração é o propósito final do autor. Ele quer que seus leitores reconheçam a Cristo como seu Senhor e Deus.

João escreve a palavra final e definitiva da cristologia. Sua simples declaração, “a Palavra tornou-se carne” (1.14), resume a união sobrenatural das naturezas divina e humana de Cristo. Jesus é claramente muito humano nesse evangelho. Ele fica irado (2.15), cansado (4.6) e come (4.31). Ele se identifica com os questionadores (6.5,28-29), e vivencia o luto (11.33,35,38) e a necessidade humana (19.28). No entanto, esse é o mesmo Cristo que é, sem dúvida, Deus. A sua revelação máxima é a imagem dele como Deus-homem.

A Palavra —→ Milagres e ensinamentos —→ Senhor meu e Deus meu
 João 1.1 de Cristo João 20.28

Um estilo seletivo

João é seletivo tanto no que ele inclui quanto no que ele exclui. Esse evangelho não contém nenhum relato do nascimento, do batismo ou da tentação de Jesus, uma vez que o autor enfatiza a divindade de Cristo. No entanto, João descreve a Palavra se tornando carne, o resultado do batismo e o encontro que os judeus têm com Cristo por este ter afirmado sua divindade. Ele também escolhe não falar de demônios, da última ceia ou da agonia do Getsêmani.

João não faz menção explícita às parábolas de Jesus. A palavra traduzida como “comparação” em 10.6 não é o termo clássico, *parabolē*, mas *paroimia*, que literalmente quer dizer “figura de linguagem ou provérbio”. Ela também era usada para alegorias, mas não para parábolas no sentido daquelas que aparecem nos evangelhos sinóticos. Ali, Jesus é o Filho do Homem com sabedoria indiscutível; em João, Jesus é o Filho de Deus, que fala com autoridade.

Igualmente interessante é o que João inclui. Somente ele identifica um ministério público de Cristo anterior à prisão de João Batista. Dos sete milagres de destaque na vida de Jesus, cinco só são conhecidos através desse evangelho. Embora João deixe claro que o ministério do Filho durou mais de três anos, ele escolhe registrar apenas 20 dias daquele período: omitindo todos os eventos do segundo ano (5.1–6.4).

Um estilo de narrativa extensa

O uso que João faz de longos diálogos também é único. Somente ele inclui as conversas com Nicodemos, a mulher samaritana, o pai do filho doente, o paraplético do tanque de Betesda, Maria e Marta, e Pedro na praia. O evangelho se destaca por diversos diálogos extensos com “os judeus” (aqueles que se opunham a ele e que, no fim, foram responsáveis por sua morte). João tem o registro mais completo do que Cristo ensinou no cenáculo e imediatamente antes de sua traição, incluindo sua oração sacerdotal no capítulo 17.

Um estilo que dá destaque a pessoas

Muitos jornais e revistas incluem reportagens sobre pessoas porque seus leitores estão interessados nelas, em seus problemas e em como elas os resolvem, bem como em seus sucessos. Ao longo desse evangelho, João expõe o leitor a pessoas cujas vidas foram transformadas por causa de seus encontros com Jesus. O que se sabe sobre André? Somente o que ele escreveu. João identifica um discípulo chamado Natanael, que não é mencionado nos outros evangelhos, e é somente através de João que sabemos sobre o céptico Tomé. Embora os outros evangelhos falem de um discípulo que golpeou um servo quando Jesus foi traído, apenas João identifica o servo como Malco e registra que era Pedro quem estava segurando a espada.

Um estilo preciso

Não é possível ler esse evangelho, escrito cerca de 60 anos depois de os eventos terem ocorrido, sem se impressionar com o incrível número de detalhes. João se lembra da hora (16h) em que conheceu Jesus (1.39); de que havia seis potes de água no casamento em Caná (2.6); de que a mulher samaritana deixou seu cântaro no poço (4.28); do número de anos que o homem estivera doente (5.5); do custo estimado para alimentar os cinco mil (6.7) e de quem descobriu os cinco pães e os dois peixinhos (6.8-9). Detalhes assim tendem a comprovar sua afirmação de ter testemunhado tais cenas.

O contexto de Jerusalém

Por fim, o evangelho de João é singular em sua descrição de Jerusalém. Os outros evangelhos praticamente ignoram a capital dos judeus, registrando apenas uma visita a ela durante o ministério público de Cristo, embora deixe subentendido que tenha havido várias outras (veja Mt 23.37). João, no entanto, fala de Jesus em Jerusalém em pelo menos cinco ocasiões diferentes, em dias de festas. Ao fazê-lo, ele mostra Jesus como um judeu obediente que vai a Jerusalém conforme ordenado (Dt 16.16). Embora o ministério de Cristo nos evangelhos sinóticos se passe quase unicamente na Galileia, em João, é quase que exclusivamente em Jerusalém. Na Galileia, Jesus ministra às multidões, que geralmente o recebem, mas, em Jerusalém,

é confrontado pelos judeus, que desafiam sua declaração quanto a sua divindade e o crucificam.

A cronologia do evangelho

Não há autoridade melhor para estabelecer a cronologia do ministério de Jesus do que a Palavra de Deus. Cristo começou seu ministério com seu batismo quando tinha “cerca de trinta anos de idade” (Lc 3.23). Ao nos contar a idade de Jesus no começo de seu ministério e em seu batismo, Lucas pode ter traçado uma conexão com a iniciação no sacerdócio dos sacerdotes do Antigo Testamento que, de acordo com a Lei judaica, eram mergulhados na água aos 30 anos. Jesus, sendo iniciado em suas funções ungidas (profeta, sacerdote e rei), seguiu essa prática com seu batismo, declarando o começo do seu ministério.

Baseado nesse fato, somente João revela que Cristo ministrou por três anos e meio, mostrando, portanto, que Jesus tinha cerca de 33 anos e meio quando morreu. Depois de ter sido batizado, começou imediatamente seu ministério chamando André, Pedro e outro discípulo cujo nome não sabemos, provavelmente o apóstolo João (1.35-42). No dia seguinte, Cristo encontrou Filipe, que por sua vez trouxe Natanael, e ambos o seguiram (1.43-51). Note que nesses versículos cada dia está conectado ao próximo pela frase “no dia seguinte”, indicando uma progressão diária. Note o “terceiro dia”, em João 2.1, indicando que esse é o terceiro dia desde o batismo de Cristo. Nessa passagem, vemos Cristo e seus discípulos na festa de casamento em Caná da

Galileia. Aqui Jesus faz seu primeiro milagre, a transformação da água em vinho. Embora isso não seja mencionado no evangelho de João, é depois desse milagre que, acredita-se, Jesus foi levado ao deserto para ser tentado.

A essa altura da cronologia, a festa da Páscoa é usada para datar a vida e o ministério de Cristo. A Páscoa é uma festa judaica em que todo homem judeu precisa obrigatoriamente comparecer a Jerusalém. Quatro dessas ocasiões são mencionadas no evangelho de João, indicando que Cristo ministrou durante três anos (2.13; 5.1; 6.4; 11.55). Aproximadamente cinco meses se passam entre a tentação de Jesus e a primeira festa da Páscoa, com a expressão “alguns dias” (2.12) sendo uma indicação indefinida de tempo.

Na primeira Páscoa registrada em João (2.13), Cristo purificou o templo dos cambistas e vendedores. A segunda Páscoa está em João 5.1, e a terceira em João 6.4. Entre os capítulos cinco e seis do evangelho, o segundo ano do ministério de Cristo, não há registro de suas atividades. Podemos perguntar: “Esse período da vida de Jesus não merecia ser registrado? Por que João não escreveu nada do segundo ano inteiro do ministério de Cristo?”. Essas perguntas nos fazem pensar mais uma vez nos propósitos do autor. Seu alvo não era narrar uma história completa, sequencial e cronológica da vida e do ministério de Cristo, mas provar que ele é divino, e que se os leitores crerem nele, terão vida eterna. João escreve seletivamente sob a influência da inspiração.

O terceiro ano do ministério de Cristo começa com a Páscoa em João 6.4. A quarta Páscoa, aquela em que Jesus é crucificado, começa em João 11.55. Observando a crono-

logia cuidadosamente, podemos concluir que ele ministrou por três anos e meio depois de seu batismo, e morreu quando tinha aproximadamente 33 anos e meio.

Um segundo fato que prova que João escreve de maneira seletiva é que ele usa os primeiros onze capítulos falando dos 33 anos e meio da vida de Cristo, e então ele dedica os últimos dez capítulos a um período de uma semana. Esses últimos dias retratam as instruções finais de Jesus a seus discípulos, a crucificação e os eventos após a ressurreição. Assim, a ênfase maior em João é a morte de Cristo. Ele indiscutivelmente vê a vida que o Salvador viveu como preciosa e fundamental, mas enfatiza a morte e a ressurreição de Jesus como o propósito final de seu livro.

Conclusão

Alguns estudiosos estimam que João tinha quase cem anos de idade quando escreveu o evangelho que leva seu nome. Já idoso, ele entende em seu coração muitos dos ensinamentos de Jesus, que antes provavelmente só entendia com a cabeça. Portanto, João escreve para comunicar os significados por trás dos milagres e dos ensinamentos de Cristo. Essa é, talvez, mais uma razão porque esse evangelho é tão incrivelmente profundo e, ao mesmo tempo, simples o bastante para pessoas de todas as idades, escolaridades e contextos de vida entenderem.

Embora o autor não inclua seu próprio nome no livro, a igreja primitiva não teve dificuldade em identificá-lo como sendo João, o apóstolo. O conteúdo do evangelho torna

claro que um confidente íntimo de Jesus havia escrito o livro. Além disso, o autor usa duas frases que o caracterizam como alguém extremamente próximo de Jesus. Ele é tanto uma testemunha (19.34-35; 21.24) quanto o discípulo “a quem Jesus amava” (13.23-25; 19.25-27; 20.2; 21.20). Os outros evangelhos sugerem que os discípulos mais próximos de Jesus eram Pedro, Tiago e João. Pedro é mencionado na terceira pessoa. Nenhum dos filhos de Zebedeu é citado nesse evangelho; no entanto, Tiago foi martirizado cedo demais para ser considerado o seu autor (At 12.2). Por processo de eliminação, é evidente que somente João poderia ter escrito esse livro.

Autoridades dos primeiros séculos concordam que João foi o autor, incluindo o escritor do Cânone Muratori (170 d.C.), Clemente de Alexandria (190 d.C.), Tertuliano (200 d.C.), Orígenes (220 d.C.) e Hipólito (225 d.C.). Eusébio afirma ter descoberto a existência de dois Joãos em Éfeso, e alguns estudiosos modernos usaram essa descoberta para defender uma autoria não apostólica desse evangelho. No entanto, a descoberta de Eusébio se baseia em uma interpretação improvável de uma passagem isolada em que o nome “João” aparece duas vezes. Eusébio argumentou que um era o apóstolo João, e o outro era o ancião ou presbítero João. Uma análise cuidadosa da declaração original, feita por Pápias, revela que nenhum dos dois era chamado de apóstolo, ambos eram chamados de anciãos (presbíteros), e eram considerados discípulos do Senhor. Em contraste com esse argumento frágil, Ireneu, um discípulo de Policarpo, que era amigo do apóstolo João, afirmou que o

JOÃO

evangelho foi escrito por este, e disse ainda que Policarpo havia ensinado sobre a autoria joanina.

1. CRISTO, A PALAVRA DE DEUS

João 1.1-18

Cristo é chamado de “a Palavra” (grego, *ho logos*) seis vezes na Escritura, e todas as ocorrências aparecem nos escritos de João (1.1,14; 1Jo 1.1; Ap 19.13). Historicamente, *logos* significava uma coleção de ideias ou palavras. Pode referir-se tanto a pensamentos internos quanto à expressão externa de tais reflexões. Os tradutores da Septuaginta usavam *logos* tanto para falar da Lei quanto da sabedoria de Deus (Êx 34.28; Pv 8.1-33).

A revelação da Palavra de Deus (1.1-18)

Sua divindade (1.1-2)

João apresenta Cristo como a Palavra, enfatizando sua divindade. Os primeiros cinco versículos desse evangelho têm um paralelo óbvio em termos de estrutura e pensamento com o primeiro capítulo de Gênesis. Embora semelhantes, há também uma diferença importante entre essas duas passagens. Gênesis começa com a criação do mundo, o ponto em que o próprio tempo começou, enquanto João volta para além do tempo, até a eternidade. A criação não é mencionada de maneira específica até o versículo 3, então os primeiros dois versículos devem se referir a um período anterior. Essa ideia fica particularmente evidente na descrição: “No princípio era aquele que é a Palavra”. Aqui,

o verbo “era” é o imperfeito *ēn*, transmitindo a ideia de uma existência contínua, ao invés do termo mais comum, *egeneto*, que também é traduzido como “era”, mas tem a noção de vir a existir. O conceito da preexistência eterna da Palavra é transmitido pela ideia de que, “no princípio, aquele que é a Palavra já existia” (NVT).

João não apenas enfatiza a preexistência eterna da Palavra, ele também destaca a intimidade da comunhão que existia entre a Palavra e Deus. Na frase “ele [a Palavra] estava com Deus”, o uso da preposição grega *pros* (“com”) com o caso acusativo denota um movimento em uma direção em particular. Essa estrutura gramatical é usada para representar intimidade e comunhão, e implica que a Palavra e Deus estavam em um relacionamento face a face. A Palavra não estava apenas com Deus, ela estava em comunhão com ele.

João conclui muito cuidadosamente o primeiro versículo desse evangelho com uma frase declarando a divindade da Palavra – “[a Palavra] era Deus”. Nesta expressão, *theos ēn ho logos*, o artigo definido acompanha a Palavra, não Deus. A *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, utilizada pelas Testemunhas de Jeová, traduziu erroneamente essa frase como “a Palavra era um deus”, violando tanto o seu contexto quanto as regras gramaticais do grego, mas fazendo-a se encaixar bem com a negação que as Testemunhas de Jeová têm da divindade de Cristo. *Theos*, sem o artigo, enfatiza qualidade, em vez de individualidade. Se João tivesse incluído o artigo, essa frase tenderia a apoiar o erro do sabelianismo, que ensinava um Deus manifesto em três diferentes modalidades.

Sua criação (1.3)

Em seu terceiro versículo, João enfatiza especificamente a obra criadora daquele que é a Palavra. Mais uma vez, a ausência do artigo definido é significativa. Os filósofos gregos usam a expressão *ta panta* (“toda a criação”). Ao usar *panta* (“todas as coisas”) sem o artigo, João está se referindo à criação com suas partes infinitas. Ele está falando não apenas de sua vastidão, conforme a vemos através de um telescópio, mas também das suas maravilhas, observadas com um microscópio. Além disso, João se refere a mais do que é visível; ele está incluindo a criação dos céus, envolvendo seus habitantes (anjos), conforme visto em Gênesis 1.1, e a criação da terra.

Acerca dessa criação, João escreve: “Todas as coisas passaram a existir em certo ponto do tempo por intermédio dele” (1.3, tradução do autor). O uso de um aoristo (grego, *egeneto*) em referência à atividade criadora da Palavra contrasta o evento da criação com a existência contínua da Palavra. *Egeneto* é uma das três expressões gregas no Novo Testamento que expressa a criação de uma substância a partir do nada. As outras duas, *ktizō* e *poieō*, tendem a enfatizar o lugar do Criador, enquanto esse verbo se refere à substância criada.

De acordo com João, nem uma coisa sequer passou a existir sem aquele que é a Palavra, a qual está representada aqui como o agente intermediador na obra da criação. Essa ideia também é expressa por Paulo em 1Coríntios 8.6. Isso não limita a Palavra a um mero instrumento de Deus,

mas reconhece o relacionamento entre o Pai e o Filho. Essa declaração da obra criadora daquele que é a Palavra é uma clara expressão da fé pessoal de João no poder criador de Deus (veja Hb 11.3).

Sua iluminação (1.4-5)

Uma das metáforas marcantes que Cristo usa para descrever a si mesmo é a luz. Em primeiro lugar, a luz “brilha” (1.5). O verbo *phainei* é um presente linear do indicativo ativo, o que simboliza não apenas um ponto na linha do tempo, mas também que a luz continua a brilhar desde o começo até agora, e ainda está brilhando. Mesmo hoje, Cristo é a luz que, “chegando ao mundo... ilumina todos os homens” (1.9).

Em segundo lugar, a luz surge em contraste com as trevas presentes por toda parte. Os gregos tinham duas palavras para trevas. *Zophos* era um termo poético que carregava as ideias de melancolia, nebulosidade ou um tipo de escuridão parcial. João usa o termo mais forte, *skotia*, nove vezes em seu evangelho. Ele chama de trevas a esfera natural daqueles que odeiam o que é bom (3.19-20), e ele as contrasta com Jesus, a luz do mundo (8.12; 12.35,46).

Seu precursor (1.6-9)

Logo antes, João observou que aquele que é a Palavra “era” (*ēn*), implicando a existência autossuficiente e eterna de Jesus. Aqui, João Batista meramente passa a existir (*egeneto*). O

Cristo era a verdadeira luz; João, meramente a testemunha desta. Isso não diminui, entretanto, a importância de João Batista. Ele foi um homem enviado por Deus de forma singular. O verbo grego traduzido como “enviado” é *apestalmenos*, de onde vem a palavra “apóstolo”. Esse verbo carrega o sentido de conduzir um emissário com uma missão especial. No caso de João Batista, ele foi enviado “de Deus” (tradução do autor). A preposição *para* em grego significa “desde o lado de” e transfere ao mensageiro uma autoridade e importância maiores do que se fosse apenas enviado “por Deus”.

Sua rejeição (1.10-11)

João resume a vida de Jesus em apenas dois versículos curtos. A história de Cristo é sobre rejeição. Embora ele estivesse no mundo e fosse o Criador de tudo, o mundo fracassou em reconhecê-lo por quem ele era. O verbo *ginōskō* refere-se à ideia de reconhecimento. Ao longo desse evangelho, diversos indivíduos e grupos especulam sobre quem Jesus é, mas a maioria deles falha em reconhecê-lo como o Cristo, o Filho de Deus, e aquele através de quem se recebe vida (20.31).

Ao reconhecer aquele é que a Palavra como o rejeitado, João sugere que a Palavra tem personalidade. O pronome *auton* (“dele” em 1.10) está no masculino. Todas as referências anteriores a Palavra, vida ou luz, estão em uma forma que poderia ser interpretada como uma coisa ou uma pessoa. O termo *auton* aqui estabelece que João vinha falando de uma pessoa esse tempo todo.

Sua oferta (1.12-13)

A rejeição de Jesus por parte de seu próprio povo resultou em uma oferta mais abrangente de salvação para outros (veja Rm 11.11). O presente da salvação de Cristo não está mais limitado às ovelhas perdidas da casa de Israel, mas a todos os que o receberem. O verbo *elabon* (“receberam”) se refere à ação de ganhar uma posse.

Quando João se refere a um crente como um filho de Deus, ele usa o termo *teknon*, em vez de *huios*, que Paulo utiliza. O uso dessas duas palavras reflete a ênfase soteriológica de cada autor. *Teknon* compartilha a mesma raiz de *tiktō* (“gerar”) e provavelmente é preferida por João por causa de sua ênfase na doutrina da regeneração (3.3) e na comunidade da família de Deus (11.52). Paulo, enfatizando a doutrina da adoção em sua soteriologia, prefere o termo legal *huios* ao falar sobre filiação.

Tornar-se e ter o direito de ser conhecido como filho de Deus é resultado de crer no nome de Cristo. Isso é mais que uma aceitação intelectual das verdades reveladas a respeito de Jesus. Seu nome expressa a soma de todas as qualidades que marcam seu caráter e natureza. Crer nesse nome envolve a transferência completa da confiança de si mesmo para o Salvador. Qualquer coisa menos que isso fica aquém da fé salvífica.

Sua encarnação (1.14)

Um dos grandes mistérios da cristologia é a doutrina da encarnação, resumida aqui por João em um único versículo. Colocada de maneira breve, isso quer dizer que Cristo se tornou o Deus-homem. A palavra *sarx*, aqui traduzida como “carne”, significa a natureza humana em, e de acordo com, sua manifestação corpórea. Isso quer dizer mais do que simplesmente ganhar um corpo físico, embora isso seja indiscutivelmente parte da encarnação. Cristo também assumiu a natureza do homem, identificando-se, assim, completamente com a humanidade, tendo um corpo humano, uma alma humana e um espírito humano. Claro, nesse processo Jesus não adquiriu uma natureza pecaminosa, já que isso não era parte da essência humana originariamente.

Não apenas aquele que é a Palavra se tornou carne, ele também se diminuiu para habitar entre humanos. João usa o verbo *eskēnōsen*, que literalmente significa “montar uma tenda ou tabernáculo”. Ele é empregado exclusivamente por João no Novo Testamento (veja Ap 7.15; 12.12; 13.6; 21.3). Alguns já sugeriram que esse verbo é usado para enfatizar a natureza transitória da permanência do Senhor na terra. A imagem na mente de João provavelmente era a do tabernáculo do Antigo Testamento (Êx 26.1-37; Lv 26.11; 2Sm 7.6; Sl 78.67). O tabernáculo era a habitação de Deus e o local de encontro do Senhor com Israel, tornando-o o tipo mais perfeito de Cristo, a Palavra encarnada, no Antigo Testamento.

Da mesma forma como a *Shekinah*, a glória de Deus, estava sobre o lugar santo no tabernáculo, assim João diz que “vimos a sua glória”. O verbo *etheasametha* (“vimos”) é um aoristo do indicativo médio de *theaomai*, que está ligado ao substantivo *thea*, que significa “espetáculo”. O verbo denota uma contemplação calma e contínua de um objeto que permanece diante do espectador. Sob esse tipo de observação, a glória velada de Deus era aparente para aqueles que tinham olhos para ver.

A glória que foi vista foi a do “Unigênito vindo do Pai”; a palavra grega para isso, *monogenous*, é usada por João exclusivamente para Cristo, e pode ser entendida em contraste com o uso que Paulo faz do termo “primogênito” (*prōtotokos*, Rm 8.29; Cl 1.15,18). *Monogenous* marca a relação única do Pai com o Filho, e se aplica a ninguém mais além deles, enquanto *prōtotokos* faz a relação do Filho eterno com o restante do universo. *Prōtotokos* enfatiza a existência de Cristo antes das coisas criadas, enquanto *monogenous* distingue o relacionamento eterno entre Pai e Filho. Além disso, João enfatiza aqui que aquele que é a Palavra não foi gerado (grego, *egeneto*) através de algum poder, de adoção ou de regeneração, mas que ele era (grego, *ēn*) eterno desde antes do começo.

Sua testemunha (1.15-18)

A última seção desse prólogo trata do testemunho de João Batista. Esses versículos revelam com clareza o que ele pensava sobre Jesus, e como via a si mesmo em relação ao Se-

nhor. Visto que João era um mestre altamente respeitado e popular, seu apoio a Cristo era importante. Embora tanto líderes civis quanto religiosos se opusessem a ele, as massas vinham ouvi-lo pregar. Ele foi o último dos profetas, e se identificou com a profecia de Isaías sobre a voz que clama no deserto. Além disso, João conseguia atrair multidões sem o uso de milagres (10.41).

O testemunho de João Batista era um paradoxo compreendido claramente no contexto dessas palavras. Embora Jesus tenha vindo depois (nascido depois), ele tinha uma posição superior a João (mais proeminência) porque ele “já existia antes” de João (uma referência à preexistência eterna daquele que é a Palavra). Isso estava no cerne da avaliação que João Batista fazia de Cristo. Aparentemente, ele já havia pregado essa mensagem antes, e a pregaria novamente no dia seguinte (1.30).

Como crentes, “todos recebemos da sua plenitude”. A palavra *plērōmatos*, embora seja usada cinco vezes por Paulo em referência a Cristo (Ef 1.23; 3.19; 4.13; Cl 1.19; 2.9), ocorre apenas essa única vez nos escritos de João. Ela carrega a ideia de algo que é completo em si mesmo, e pode se referir tanto à qualidade quanto à quantidade. O uso que João faz, à luz do versículo 14, onde aquele que é a Palavra era “cheio de graça e de verdade”, enfatiza o fato de que o crente recebe de Cristo o que é necessário para a realização pessoal. Tudo o que precisamos para aperfeiçoar nosso caráter e completar nossa tarefa para Deus já nos foi dado na plenitude de Cristo.

O meio através do qual se pode desfrutar dessa plenitude está sugerido na frase “graça sobre graça”. A preposição *anti* é usada no sentido de “trocar em uma venda”. A ideia aqui, no entanto, não é trocar a graça do Antigo Testamento pela do Novo Testamento, mas receber uma nova graça sobre a antiga. Aqui, João cria uma imagem de uma graça superabundante sendo continuamente sobreposta àquela já recebida.

Ninguém nunca viu a Deus. O verbo grego usado no versículo 18 é *heōraken*, que denota a ação física de ver, mas também enfatiza o discernimento mental do que se vê. A ausência de um artigo diante de “Deus” nesse versículo enfatiza que ninguém viu ou entendeu a essência de Deus; em vez disso, as pessoas viram formas que o representam. Jesus, é claro, era Deus e foi visto por humanos, mas somente depois de se esvaziar da glória que era sua por direito (Fp 2.7).

Conclusão

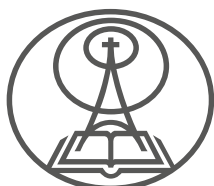
Jesus é a revelação final e a personificação da palavra escrita e falada no Antigo Testamento. A referência a Cristo como aquele que é a “Palavra” é mais facilmente compreendida quando refletimos sobre nosso propósito ao utilizar palavras. Elas são usadas para comunicar, expressar e transmitir sentido. Portanto, Jesus é a expressão, a revelação e a comunicação do próprio Deus. Cristo é a Palavra de Deus encarnada.

Vinte e dois títulos diferentes são usados para Jesus nesse primeiro capítulo do evangelho de João, mais do que

em qualquer outro da Bíblia. Através desses nomes, Cristo é definido como sendo totalmente humano e totalmente Deus, o Deus-homem. Isso é ilustrado a seguir.

TÍTULOS DE CRISTO EM JOÃO 1

| | |
|--------------------------------|--------------------------|
| Palavra (v. 1) | Cordeiro de Deus (v. 29) |
| Deus (v. 1) | um homem (v. 30) |
| vida (v. 4) | Filho de Deus (v. 34) |
| luz dos homens (v. 4) | Cordeiro de Deus (v. 36) |
| verdadeira luz (v. 9) | Rabi (v. 38) |
| carne (v. 14) | Mestre (v. 38) |
| Unigênito vindo do Pai (v. 14) | Messias (v. 41) |
| Jesus Cristo (v. 17) | Jesus de Nazaré (v. 45) |
| Deus Unigênito (v. 18) | filho de José (v. 45) |
| Cristo (v. 20) | Filho de Deus (v. 49) |
| Senhor (v. 23) | Rei de Israel (v. 49) |
| Jesus (v. 29) | Filho do homem (v. 51) |



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

Você entende o significado do fato de que ele é tanto Deus como homem? Você sabe por que ele realizou o milagre de transformar água em vinho e fez um cego ver? Você compreende a agonia do sofrimento dele em seu favor e quão profundamente ele se importa com você?

O evangelho de João irá guiá-lo para um relacionamento mais profundo e satisfatório com Jesus Cristo. Através do relato do apóstolo João, testemunha ocular dos acontecimentos, você finalmente entenderá os significados por trás dos milagres de Cristo. Você aprenderá a apreciar o amor que Cristo tem por aqueles que confiam nele.

Elmer Towns coloca uma ênfase particular nas duas palavras-chave do livro: *crer e viver*. O que você acredita sobre Jesus Cristo? E como isso afetou sua vida hoje? Este comentário permitirá que você entenda quem Cristo realmente é e como o amor e perdão dele lhe dão esperança e paz eternamente.



BÔNUS:
QUESTÕES PARA ESTUDO

Acesse gratuitamente no QR Code ou em www.chamada.com.br/joao-estudo e baixe esta ferramenta para seu estudo pessoal ou em grupo.



ISBN 978-65-89505-17-4



9 786589 505174